

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO: anno (50 n.ºs) 1\$500 rs.; semestre (25 n.ºs) 500 rs.
 FORA D'AVEIRO: anno (50 n.ºs) 1\$125 rs.; semestre (25 n.ºs) 570 rs.
 BRAZIL, (moeda: forte) e Africa oriental anno... 1\$500

Publica-se aos Domingos

As assignaturas devem ser pagas adiantadas

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Na secção dos annuncios: cada linha 15 rs.
 No corpo do jornal: cada linha 20 rs.
 Numero avulso 30 rs.
 Redacção e administração — rua Direita.

AVEIRO

O ARTIGO 6.º DA CARTA CONSTITUCIONAL

Dizia S. Tertuliano na carta que escreveu a Escápula: «Não é proprio d'uma religião obrigar a que haja religiosos.»

S. Paulo disse: «Nada ha tão voluntario como a religião.»

«A lei de Christo, disse S. Thiago, é a lei da liberdade.»

O conde de Montalambert, que ninguem poderá ter como suspeito em materia religiosa, disse no congresso de Malines: — «Renuncie a Igreja catholica os seus privilegios onde é soberana para alcançar liberdade onde é escrava.»

Pensava eu que, em vista das opiniões dos doutores que fazem fé em assumptos religiosos, ninguem se levantaria para impugnar a refórma do artigo 6.º da Carta Constitucional que diz ser a religião do Estado catholica, apostolica, romana, isto é, que os cidadãos portuguezes tem obrigação perante o Estado de serem catholicos, apostolicos e romanos.

Enganei-me, porque os catholicos, os que commungam ao menos uma vez cada anno, os que uzam bulla e rosario, são os primeiros a quererem para a Igreja o que ella pela bocca dos seus mais fervorosos apóstolos regeita, pois não deseja dominar nem ser dominada—*nec regnum, nec instrumentum regni*.

Porem o nosso parlamento, sahido dos numerosos cabos de policia fabricados *ad hoc*, quer ainda o deslocamento do campo religioso, que devia ser a consciencia, para o codigo penal que castiga pela mão dos togados os

infractores d'uma religião imposta, como se o senso intimo de cada individuo podesse ser mandado encarcerar por qualquer juiz, mantido á vista por qualquer carcereiro, ou espreitado por qualquer policia!

O Christo da tradição que prégava a todos a ampla liberdade, foi substituido pelo codigo que manda castigar aquelle que se não conformar com a religião do Estado!

O Estado catholico, apostolico, romano.....

Ainda estou para ver se algum ladino é capaz de propor ao Estado que seja em medicina allopatha, homoeopatha ou raspallista; em litteratura, romantico ou naturalista; em philosophia, materialista, espiritalista ou positivista.....

Mas se o Estado é effectivamente isso que diz o artigo 6.º não deve honrar-se muito o catholicismo, porque nenhum dos seus preceitos é posto em pratica por elle — não se confessa, não communga, nem vae á missa. Pelo menos eu nunca o vi, a não ser que o nosso Estado vá disfarçado em Pedro d'Alcantara ou Paradas, que são os que em Portugal mais rezam e mais comem á custa do alheio.

Confiar mais no codigo penal e na força das bayonetas do que na bondade de seus principios religiosos, na sua santidade, é negar peremptoriamente a existencia d'essa panacea na religião que professam, porque, o que é bom e util, impõe-se e não necessita ser imposto; é confessar implicitamente que ella é um veneno que nos querem propinar de baixo do nome de *xarope*.

Eu não quero dizer que seja boa ou má, porque não tenho que indagar isso aqui; só o que digo

é que a pertinacia com que nolla tentam impor mais a desacredita do que a torna respeitada.

E' uma maneira bem triste de resolver o problema das relações entre a Igreja e o Estado que modernamente tem preocupado os estadistas europeus; é dar uma prova de real incapacidade para pôr em pratica o que o consenso unanime dos povos tem já de ha muito tempo como melhor solução a este estado de coisas—fazer entrar cada um no seu respectivo gremio e reformar por isso no sentido o mais liberal possível o art.º 6.º e não admittir promiscuidade dos negocios civis nos ecclesiasticos, nem estes n'aquelles, porque o contrario representa uma solução desastrada contra a qual se insurgem todos os verdadeiros liberaes.

E' uma solução semi-theocratica e semi-autocratica que tem sido tão funesta como a autocratica e theocratica o foram.

Roma e Constantinopla na idade media, a primeira theocratica, não nos deu senão o terror, a oppressão, o esphacelamento da Italia; a segunda autocratica, a desmoralisação, a queda do imperio oriental e a Europa no seculo XV horrorizada com a invasão turca.

E a solução semi-theocratica e semi-autocratica em que nem o Estado nem a Igreja tem liberdade e independencia, tem dado resultados pessimos para ambos e só a força em igual é que equilibra a sua acção e não dá logar a desastres e a carnificinas, mas sim a vergonhas para um ou para outro.

Nos primeiros tempos a Igreja obteve regalias extraordinarias dos poderes civis; depois estes voltaram-se contra ella, despresaram-na pelas leis josephi-

nas, expulsaram os jesuitas que eram o seu exercito permanente, tiraram-lhe a inspecção do ensino e os disimos, forçaram-na a mendigar o sustento quotidiano; acabaram-lhe com os conventos e reduziram-na a uma triste pedinte que se mantem pela fé dos cofres do Estado.

E tudo isto porque? Por se terem esquecido da ideia que fôra berço do christianismo; por se terem esquecido como este se enraizára. Não foi querendo impor-se como religião do Estado, pelo contrario, combatendo pela liberdade de consciencia contra o paganismo que era religião official.

E o que poderam Nero e Decleciano contra a inviolabilidade da consciencia, contra a sua liberdade? Nada.

E o que poderão os governantes, que já não tem a força d'aquelles barbaros, para nos obrigarem a admittir uma religião manchada pelos crimes dos orgulhosos Innocencio III, Bonifacio VIII, João XXII, Alexandre VI, Innocencio VIII, Gregorio XII (o negociante em reliquias) João XII, etc., e que pretende dominar e reduzir-nos a uns objectos de Roma? Coisa alguma tambem.

Por isso mesmo, e já que o jesuitismo pretende levantar a cabeça nas escolas, no parlamento, e infeudar-se por toda a parte onde acha pasto ás suas ambições, assim como já está no paço, compete-nos levantar o grito de alerta ao povo e trabalhar por todos os meios possiveis para reformar ou mesmo eliminar o artigo 6.º da carta, que tem sido ao que parece uma garantia á reacção.

Mello Junior.

PIRES DE LIMA

O nosso querido collega *O Seculo* transcreveu por inteiro o supplemento que publicámos na segunda feira, escrevendo isto em seguida:

São justissimas e verdadeiramente sensatas as considerações do *Povo de Aveiro*. A igreja recuou, de facto, perante o cadaver de Pires de Lima, porque esse homem representou um alto papel na sociedade portugueza e a padralhada arriscar-se-ia um pouquinho se ousasse manifestar com elle a sua costumada intransigencia.

Nós seriamos dos primeiros a fustigar a se negasse por espirito retrogrado as ultimas homenagens religiosas ao corpo inerte do pobre suicida; mas assim, somos tambem os primeiros, e talvez os unicos, a arremessar-lhe á cara alvar com a cobardia sem nome que acaba de provar.

Pires de Lima teve resas funebres, teve acompanhamento catholico, enterro religioso, enfim, porque foi conego, par do reino, triumpho eminente d'um partido; os pobres operarios, os pobres padres sem honrarias que desearam á cova embrulhados n'uma batina velha, todos esses desgraçados catholicos que se tem suicidado no paiz, foram amaldiçoados pela Igreja e os seus cadaveres escarnecidos. Cobardes, mil vezes cobardes!...

O *Povo de Aveiro* recorda muito bem o caso do triste operario Jeronymo Salgado, sepultado de traz da porta do cemiterio civil.

Mas faltou-lhe dizer que quem mais incitou o populacho contra a memoria do pobre foi um tal padre José Candido, amigo intimo e dilecto de Pires de Lima! Faltou-lhe citar o caso d'aquella honradissima mulher de S. Bernardo, que, depois de se ter suicidado por razões nobilissimas, foi mandada enterrar no local onde se enterrou Jeronymo Salgado, por outro grande amigo de Pires de Lima, um jesuita dos quatro costados, o padre Cunha! Supremas ironias da sorte!!

Repetimos, seriamos os primeiros a esbofetear o clericalismo se manifestasse a sua costumada intransigencia nas circunstancias presentes; mas permitta-se-nos que em face d'um cadaver recente, demonstremos as hypocrisias repetidas da corja reaccionaria, arrogante e insolente com os fracos, humilde e submissa com os fortes.

De resto, a nossa vez ha de chegar e então ajustaremos as nossas contas.

A falta a que o *Seculo* se refere proveio simplesmente de não termos para nos alongarmos em considerações e por isso promettemos fazer ao caso os respectivos commentarios na occasião apropriada, que seria hoje. Porém, *O Seculo* precedeu-nos e disse melhor do que nós o poderiamos fazer o bastante para esmagar a corja clerical d'esta terra.

Nunca esperámos, realmente, que os factos viessem tão depressa em nos-

rosto já se bía animando com um amoroso sorriso.

Neste momento reparou que se tinha mudado do seu *fauteuil*. Amouu-se mas não foi senão durante um meio segundo, voltando-se para elle tomou-lhe a mão e apertou-lha fortemente dizendo:

—Bon dia, senhor, estou contente de vos ver. Ah! como seria feliz se vós fosseis ambos livres! Mas, continuou, não podeis ficar aqui; terão já percebido a vossa fuga. Se o soubessem! Oh! morreria, meu Pedro, se vos fosseis preso aqui... em meu quarto. E' preciso esconder-vos; vos dir-me-heis aonde, não é verdade, Pedro, e permitteme-heis que vos vá ver?

—Não tenhais receio algum, mademoiselle Juliette, disse o abade; não corremos o menor perigo. Nós vamos reentrar.

—Como reentrar! e aonde?

—Na Vestibulation.

—Pois ides entrar voluntariamente na prisão?

—Sim, eriança.

Julietta olhava-os estupfacta.

—E' verdade isto? perguntou ella olhando para Rochereuil.

—Certissimo.

—Mas como estando ahí podesteis sair? Como fazeis para ahí entrardes?

—A curiosidade é um peccado, mademoiselle Juliette, respondeu gravemente o abba-

(Continua)

(22) **Folhetim**

A. RANC

HISTORIA D'UMA CONSPIRAÇÃO

XV

Deixamos nós no quarto de Juliette a Rochereuil e o abade Georget.

O abade tinha-se estendido n'uma poltrona; e Rochereuil passeava a passos largos; mas o seu andar e a sua attitude trahiam uma extrema fadiga. Tinham gasto para sahir da prisão uma grande somma de forças e achavam-se dominados por uma postração extrema. Acontece sempre isto, depois das grandes resoluções ou dos grandes actos.

Na verdade, se lhes fosse preciso no mesmo instante montar a cavallo e caminhar direito a seu adversario, readquiririam immediatamente a sua propria energia. Mas contrangidos por alguns dias á inação, deixaram-se involuntariamente apossar d'uma indolencia moral.

Quando prenderam Georget Cadoudal,

defendeu-se vigorosamente. Estava armado, e com uma de suas pistolas fez fogo, e matou redondamente um agente. Não succumbiu senão á força e ao numero. Apenas em sua prisão, adormeceu profundamente, e foi preciso despertal-o para lhe fazer soffrer o seu primeiro interrogatorio. O tendeiro Pepim enquanto duraram a instrucção e os debates do processo Fieschi, enquanto que esperou salvar-se, mostrou-se fraco, agitado, nervoso. Suas noites eram de longas insomnias. Desde que foi condemnado á morte o socego tornou-lhe a voltar. Ao voltar da audiencia dormiu pacificamente, e a partir d'aquelle dia até ao da execução deu provas d'uma grandeza d'alma digna do stoicismo do seu companheiro Morey.

Rochereuil e o abade Georget, durante algumas semanas, tinham-se entregado a todas as alternativas da esperanza e da inquietação. Seu pensamento estava concentrado n'um unico fim. Agora que tudo estava previsto, combinado, e decidido com seus amigos de Poitiers, de Paris, e com o exercito; agora que a sorte já estava lançada e que elles iam principiar esta terrivel partida, em que sua cabeça não tinha flador; agora que não tinham mais do que esperar o dia da acção, é que se sentiam tomados de uma invencivel necessidade de repouso.

Rochereuil que estava um pouco inquieto com respeito a Juliette ia de tempo em tempo ver a janella. O abade dormitava em seu *fauteuil*. Era apenas meia noite; e não eram esperados á pequena porta da Visitation, pelo carcereiro Desosses senão ás duas horas da manhã. Estiveram alguns minutos sem trocar uma palavra.

O abade foi o primeiro a romper o silencio, como se um pensamento subito o inquietasse:

—Irá elle até ao fim? Não nos abandonará? Quem sabe se ainda d'esta vez nos trahira? Ah! se tivéssemos podido passar sem este homem?

Rochereuil parou de repente.

—Ah! respondeu, tu pensares n'isso! Daria o que me pedissem para ficar inteiramente sosegado. Que mais queres? nós temos feito o nosso dever, aconteeça o que aconteeça! E que importa! nós não empenhamos senão a nossa vida, pois que os nossos amigos de Paris, não devem obrar senão depois de nós. Se nos enganarmos, pagaremos o nosso erro bastante caro para que ninguem nos censurasse. Além disso não podemos obrar por outro modo.

—Seu interesse ordena-lhe que não nos atraiação.

—Sim, elle sabe que tem tudo a temer de Bonaparte triumphante, porque Bonaparte aborrece-o mais que a ninguem. Finalmente o dia 21 de Janeiro entrepõe-se entre elle e os Bourbons.

Que poderá elle esperar d'uma restauração monarchica? Elle não vale nada, senão com os seus amigos, e para nós.

—E' verdade; a logica dos acontecimentos e dos interesses devem-nos afirmar...

Mas quantas vezes nos enganamos por ter feito um raciocinio justo! Emfim seja feita a vontade de Deus!

—De Deus, abade? disse Rochereuil com um tom gracejador.

O abade encolheu os hombros.

—Vede, respondeu; se este homem m'inquietal...

O abade interrompeu-se: Rochereuil já o não escutava, e tinha os olhos fixos na porta porque ouvia na escada os passos de Juliette. Entrou rapidamente, e aos raios da lua que se projectavam no quarto, reconheceu logo Rochereuil, que a olhava sorrindo. Tinha o rosto um pouco corado pela carreira; parou, empalideceu, seu coração batia apressadamente. Encostara-se á parede sem avançar.

—Que fazeis Juliette? diz Rochereuil.

—Ah! não fazel caso, balbuciou ella tentando sorrir; caminhei tão depressa, que estou sufocada...

Rochereuil pegou-lhe na mão e puchando-a para si, beijou-lhe a fronte, então ella deixou-se cahir em seus braços, inclinou a cabeça no peito do seu amigo depois as lagrimas correram e principiou a soluçar.

—Juliette, Juliette que tendes? Socegal, diz Rochereuil sem aaffastar de si.

—Não fazel caso, repetiu ella; choro de de alegria. Eu rio então.

Com effeito, erguendo seus cabellos com a mão, e inclinando-a para traz, fixou attentamente os seus olhos nos de Rochereuil. As lagrimas corriam-lhe pelas faces, mas sua

so auxilio. Não estão vingadas, longe d'isso, as memorias da infeliz mulher de S. Bernardo e do triste operario de Aveiro, mas vae-se tornando cada vez mais saliente a vilania com que procederam as auctoridades civis e ecclesiasticas d'esta terra por essa occasião.

Aqui, ninguém ignora que foram grandes, nobilissimos mesmo, os motivos que provocaram o suicidio da mulher de S. Bernardo, que, envergonhada por a terem encontrado a roubar uma borça para matar a fome, correu a sepultar as miserias que a torturavam e que irritavam uns certos miseráveis em lugar de os commover, na ria da cidade. Esse cadaver impressionou vivamente as almas generosas d'Aveiro, que são muitas, e não obstante foi enterrado como o de um cão miseravel no que já hoje se chama o cemiterio dos cães por ordem d'um jesuita, um reaccionario de batina, um maldito da Igreja, sem o minimo protesto ou opposição por parte das repugnantes auctoridades civis. Esse maldito, esse reaccionario era o maior amigo de Pires de Lima, que acaba de suicidar-se desnoiteado pela traição d'uma mulher que amara. Como o padrao foi bem castigado! Se não fomos mais generoso do que elle, pediríamos que o cadaver do ex-fogario geral d'este extinto bispado fosse enterrado tambem no cemiterio dos cães, ao lado da mulher de S. Bernardo e do nosso desgraçado companheiro de trabalho. Ficaria alli bem, porque junto a uma mulher honrada que se mata por ter fome, cabe o cadaver d'um padre que se matou por ter vicios ou paixões, a que estamos todos sujeitos, aliás.

De Jeronymo Salgado não queremos fallar mais, porque nos recorda esse governador civil cachetico, e esse administrador do concelho estúpido, se não outra cousa, dois homens que não de conservar o poder até a morte de nos tirar a tranquillidade de espirito que ambicionamos.

Que vejam esses idiotas como em Lisboa lhes acabam de dar um grande exemplo de tolerancia, deixando enterrar em sagrado um padre que incorreu na excommunião da Igreja. Tolerancia? Tolerancia, não; fraqueza e cobardia, sim.

O padre José Candido!... desprezamos esse jesuita. Tambem está castigado. O seu amigo Pires de Lima suicidou-se e foi enterrado em sagrado.

Padre da Gloria, sê tolerante, sê christão, porque não sabes o que ainda succederá no mundo a ti ou aos teus.

E vossa excellencia, sr. Mendes Leite, e vossa senhoria, sr. Valle Guimarães, não julguem que sanou a ferida. Está aberta, bem aberta e ai de nós se morremos todos sem ajustar contas.

PELA EUROPA E AFRICA

O que houve de mais importante esta semana foi a commemoração em Hespanha da proclamação da Republica em 11 de fevereiro de 1883. O governo despotico de sua magestade catholica, dirigido pelos srs. Canovas e Pidal, prohibiu os banquetes e o meeting que se preparavam para esse dia; a commemoração, entretanto, não deixou de correr por isso com verdadeira imponencia.

Os republicanos, perfeitamente dentro da lei, desprezaram a prohibição relativa ao meeting e tentaram realisa-lo; porem a policia dispersou-os nas ruas. Assim, se não foi avante a reunião, houve contudo uma manifestação republicana que, mesmo por sê interrompida pela força armada, mais calou no animo do publico. O sr. Canovas, por espirito retrogrado e desejo de agradar ao *nino* Afonso, não fez mais do que servir a causa republicana, impondo-se ao paiz com um acto de força condemnavel. Não houve discursos democraticos no comicio, mas houve nas ruas uma demonstração grandiosa da força e vitalidade do partido republicano, houve uma das ultimas provas de que a liberdade é inteiramente impossivel no regimen bourbonico. Ora se a repressão irrita mais do que a tolerancia os republi-

canos ganharam com ella mais do que perderam.

Com os banquetes procedeu o sr. Cánovas analogamente: — prohibiu-os. Primeiro-dissera-se que se limitaria a não consentir discursos; mas o rei interveio e exigiu que nem sequer os republicanos comessem juntos. Todavia, *el hijo de su madre* não obteve o seu intento.

Não se realisaram seis ou sete ou vinte banquetes de 200 ou 300 talheres cada um; realisaram-se particularmente cem ou duzentos em toda a Hespanha de vinte ou trinta talheres cada um. E eis a differença, augmentada com a pequena circumstancia d'esses milhares de convivas levarem o copo aos labios com mais odio no coração do que se as auctoridades os não perseguissem.

A monarchia hespanhola anda ineptamente em tentar resuscitar a ferocidade politica empregada para com os liberaes no principio do seculo. Os tempos são outros e é bem certo o ditado: — *Com os tempos mudam os costumes*. Nem na Russia autocratica já se praticam a salvo crimes liberticidas, quanto mais na Hespanha representativa encravada entre os paizes da raça latina, tão tolerantes e democratas. Ora o facto é que a Hespanha pouco differe da Russia em questões d'absolutismo, o que não pôde deixar de produzir uma reacção medonha. Nós estamos sem duvida em vespas de presenciar uma sanguinolenta revolução no paiz visinho. Aquillo não pôde continuar assim.

O ultramontanismo está no auge do poder. As cadeias, os presidios, Ceuta e Fernando Pó abundam em republicanos. A imprensa está perfeitamente amordaçada, e se se atreve á mais pequenina duvida sobre a infalibilidade do rei ou do papa, é logo querellada. Fernando VII e Izabel II causam saudades.

Alem de vergonhoso, é horrivel, no fim d'este seculo a que, segundo parece, chamaram ironicamente o — seculo das luzes. E' preciso que a Hespanha se regenere em sangue, assolando o absolutismo a ferro e fogo. E que não esqueça a cabeça dos Bourbons. Que se lembrem os hespanhoes de que essa raça maldita tem sacrificado milhões de homens, produzindo mais mal ao mundo que todos os cataclysmos naturaes conhecidos. Ora meia duzia de cabeças nada representam perante a humanidade, quando levam a paz e o secego a uma grande fracção d'essa humanidade.

Fallei da Russia, e a Rusia bem meresse as nossas atenções. Alli o nihilismo não descança uma hora e hoje levanta-se mais ameaçador do que nunca. Reina um terror extraordinario em todas as regiões officias. O czar, certo d'uma morte proxima, anda meio doído. O excellente jornal *Le Petit Parisien*, que tenho á vista, pinta melhor do que eu o poderia fazer, n'um artigo intitulado *o Prazer de Reinar*, as torturas do despota. Ouçámo-lo:

«Os telegrammas de S. Petersburgo annunciam que o czar, em virtude das novas tentativas dos nihilistas, já não se atreve a sair do palacio senão acompanhado por uma numerozissima escolta. E' tal o estado de cousas n'aquelle paiz que se pergunta naturalmente que prazer terá aquelle homem em reinar.

O czar faz prender todas as pessoas que passam, porque passam, — e as que não saiem de casa, porque não passam. Come? tem medo do veneno. Assenta-se? Receia que salte a cadeira. Sabe? Só de noute e n'uma caruagem blindada. A sua propria sombra lhe parece um assassino. Brilha uma luz na sua frente? E' nã incendio; que se apague a luz e se mande para a Siberia quem a accendeu.

Eis um feliz imperador. Como pode este homem condemnar-se a uma existencia tão abominavel? Pois seria bem facil acabar com ella. Se tivesse bom senso, abdicaria, compraria um palacio magnifico nos Campos-Elysios e iria para lá comer e beber tranquilamente o dinheiro que roubou ao povo.

Não quer e prefere como todos os reis que os povos lhe deem esse pontapé energico que se chama a Revolução.»

Exacto. Todos elles preferem o pon-

tapé. Dar-lhe-hemos então o pontapé. O da Russia não tardará em receber um pontapé... de dynamite.

As tropas anglo-egyptias soffrem derrotas sobre derrotas no Soldão. Ainda ha pouco Hicks pachá foi esmagado com o seu exercito inteiro e já Baker-Pachá perde dois mil e tantos homens n'um recontro famoso. As victorias de Mahdi são extraordinarias e denotam uma grande disciplina e coragem na sua gente. O mundo selvagem ainda tem reservas de vitalidade e força capazes de desnoitearem qualquer nação europeia. A Inglaterra, se não se acautelar, soffre no Soldão um dos cheques mais importantes que tem soffrido ultimamente. Não é a questão propriamente das victorias do Mahdi que lhe ha de fazer mal, mas sim o desprestigio que d'ahi lhe resulta e o enthusiasmo e esperança que ellas levam aos milhões de musulmanos que a Inglaterra domina. A opinião publica ingleza percebe isto e portanto irrita-se vivamente com a inercia do ministerio, pouco resolvido até agora a tomar medidas energicas. Mas se não se resolve a obrar com energia e precisão ver-se-ha na necessidade de abandonar o poder. Em pouco se verá.

Ignotus.

A' VOLTA D'AVEIRO

— EM OITO DIAS —

(Factos e commentarios)

Ora vae-te, que me ia quasi passando mais d'esta vez o cumprimento dos meus semanaes deveres.

Não que n'estes dias a atmosfera tem imposto um caracter tão bisinho e carrancudo, tem mostrado um semblante tão merencorio e choramigas que mal nos deixa pôr os pés na rua para respirar a plenos pulmões um ar mais puro e ameno.

São-se de casa e apenas se toca com os calcinheiros no chão, fica-se immediatamente enterrado em lama até ao pescoço.

Grita-se por soccorro, brama-se, implora-se quasi com as lagrimas nos olhos á *illustre, sãbia, excelsa* Municipalidade Aveirense que nos accuda, que nos valha n'estes miseros trances d'uma afflicção extrema, mas tudo impossivel, tudo em vão! De certo terminariamos a existencia atollados n'esses tremedades nojentos, se a commiseração ás vezes de um amigo ou de uma alma bemfazeja não nos viesse lançar de repente o cabo da salvação.

E lá vae um pandego de nós no mais incivil e prejudicial *coutume* para o Lyceu a tritar que nem um pito e em risco de mais a mais de apañhar um *O* pelas ventas, o que não é lá muito para contentar no fim do anno, hein?...

Vejam leitores amigos o que fazer em taes apertos! O mais sério e mais sensato no meu entender é pois não sair de casa para não me sujeitar a taes accidentes verdadeiramente criticos para a minha humilima pessoa.

Apezar de tudo, a meiga natureza, como que desejando ser-nos um tanto agradável, succediu dos hombros o seu grande manto encharcado em agua e deixou-nos ver á luz branca do sol os magicos primores dos seus encantos feiticeros.

Os aveirenses quizeram aproveitar-se d'este ensejo feliz e conseguiram-no immediatamente. Para isto preveniram as partes, ordenaram os meios, e por fim, apresentaram elles na Praça do Commercio a philarmonica *Amisade* a deliciar-nos com o mais mimoso e apurado que ella contém no seu vasto repertorio musical.

E' esta philarmonica regida conscienciosamente por Manes Nogueira, um rapaz ainda novo, e tão novo que, se a memoria me não mente, apenas conta 20 annos, pouco mais, pouco menos.

Todavia uma perseverança energica, um ardor intenso de saber, uma vontade, uma paixão insaciavel, e acima de tudo, o que é mais, uma rara habilidade tem-no guindado n'estes ultimos tempos a um alto ponto de celebridade provinciana, preludio admi-

ravel d'uma celebridade geral, grandiosa, unisona, que é a aureola refulgente da gloria com que a divina Arte orna a fronte egregia dos seus mais queridos filhos!

Erã esplendido vel-o, empunhando n'uma das mãos o inseparavel cornetim, esgrimir com a dextra a volatíl batuta, á qual elle transmittia, em um enthusiasmo alternativamente fervido e magestoso, um ardôr, uma força magnetica, uma vertigem delirante que a fazia vibrar no espaço em mil volteios caprichosos e elegantes, em celeros *zig-zags* d'uma fascinação turbulenta que similhavam aereos *cancans* gymnastas.

O que é, no fim de tudo, para sentir é que um rapaz assim de tão reconhecidas aptidões musicas e fecundos recursos intellectuaes tenha por destino o ficar sepulto entre as barreiras acanhadas d'uma provincia onde só se conquista como premio final d'algum merecimento ridiculas invejas e torpes juizos de meia duzia de *broeiros* estúpidos que para ahi vegetam ruimemente como tortulhos venenosos.

Nada, o genio creador de Manes Nogueira almeja necessariamente por mais liberdade, por um ambiente mais puro; sonha naturalmente um mundo mais azul e grandioso, onde, agitando largamente as suas azas douradas, se desdobre em vãos gigantes d'aguia, vãos que põe extasis d'admiração no espirito da humanidade que pensa e sabe julgar.

Não sei porque estímulo despertada, nem por que inspiração enthusiasmada uma *troupe* d'academicos aveirenses resolveu no domingo reunir-se para formar novas eleições de commissões da *Philantropica dos Estudantes d'Aveiro*.

Não sei com franqueza; e para sobre tal ponto gastar meia maquina de palavriado da minha lavra, necessitava certamente d'umas ainda que ligeiras explicações por parte dos amáveis cavalheiros que no domingo tiveram a fina delicadeza de chamar a *reclame* algumas vezes perdidas.

Ora digam-me, cavalheiros: onde é que já se viu organisarem-se novas eleições de commissões, sem primeiramente se participar e mostrar aos filhados de qualquer associação as contas e mais attribuições proprias das preteritas gerencias?...

Parece-me pois isto notavelmente singular!

Inaugurou-se, por iniciativa academica, em Aveiro, no dia do faustoso tri-centenario de Camões, a installação d'uma sociedade intitulada *Philantropica dos Estudantes d'Aveiro*, que tinha por fim proteger dois ou mais estudantes intelligentes e sem recursos. D'ahi para cá o que é que ella tem feito?...

Coisa nenhuma! Eleições para aqui, palavreado para alem; mas a respeito de operar alguma coisa com geito e energia, zero!!!

Ora isto tem sido e ainda continua a ser uma vergonha, e alem de ser vergonhoso dá claramente uma triste ideia de quem, se quizesse, podia portar-se com mais firmeza de caracter e dignidade de sentimentos.

Isto é de mais! Meus collegas e amigos, é necessario, imperioso até, ter constantemente retido na mente o seguinte e positivo dito popular: *Mais obras e menos palavreado*.

Se tal não procurardes pôr em pratica, nada feito, tudo uma relaxação, uma nullidade completa como até aqui.

Bem se conhece tambem que, para levar a cabo um empreendimento d'este quilate, é necessario haver nos chefes directores muita coragem e força de vontade; mas tudo isto afinal se consegue, todos esses ingremes barrancos se vencem e galgam, havendo da parte d'elles um fervor que nunca esfrie e um arrojio que nunca vacille!

Veremos agora d'ora avante em que parará tudo isto. Eu, como fiel observador do meu direito e deveres, procurarei seguir de perto todos os factos succedidos e que se hão de succeder, para os relacionar e criticar razoavel e severamente *sem deixar nenhum atraz, nem por vergonha nem por malicia*.

Au revoir.

Quinto-Curcio.

BIBLIOGRAPHIA

O livro mais notavel que temos recebido ultimamente n'esta redacção é o que se intitula — *Pedagogia*. — *A cartilha matera, e o apostolado* — por João de Deus. Tracta-se da defesa da propriedade, tracta-se de repelir a espoliação de meia duzia de tipos esgrovados e tísicos d'entendimento que se agarram como polypos ás produções albeias e que se persuadem que geram aquillo de que se apropriam.

Valha-nos Deus com estes e quejandos acephalos monstruosos, que se arrastam na claridade transitoria das edições bastardas para irem vivendo do applauso errado e immerecido!

Inexplicavel desalento de todos os que cultivam letras n'este paiz de barbaie, aquelle livro conta as invectivas, os doestos, as vaias insulsas de que tem sido crivado o methodo do grande poeta.

D'aqui o felicitamos pela sua invenção e exoramos o ceu para que despeje uma alcateia de coriscos sobre a cabeça dos sacripantas que pretendem ceifeitar-se com as pennas do pavão.

Catalogo almanack da imprensa aveirense para 1884. E' interessantissima esta publicação. Destina-se aos consumidores d'aquelle estabelecimento industrial. Distribue-se *gratis*. Tem uma collecção abundante de legislação, muitos annuncios, alguns artigos de merito, biographies, versos, e gravuras.

O preço é o mais barato que se conhece.

O dono não pôde á vista d'elle morrer rico.

Agradecemos o exemplar com que fomos visitados.

Resumo do inquerito industrial de 1881.

A indole da publicação denuncia-se no titulo. A estatistica recebe d'ali um valioso auxilio.

Somos gratos ao offerecimento deste livro.

Panorama contemporaneo. — Jornal photographico e typographado, que se publica todas as quinzenas em Coimbra. Trindade Coelho, director, despedio-se ha pouco. Eu e Marques Gomes estamos publicando presentemente uma gazeta photographica de genio igual que se intitula — *Arquivo Photographico* — e onde se passam em revista os trajos, monumentos e paysagens de Portugal. Na qualidade de officiaes do mesmo officio nós... recommendamos a publicação de Coimbra, e pedimos a este, que recomende a nossa.

Mello Freitas.

CARTAS

Lisboa, 15 de fevereiro.

Não vou tarde para fallar sobre a morte de Pires de Lima.

Esse acontecimento causou tão viva impressão em todo o paiz, que não é facil apagar-se assim do espirito do publico em oito dias, nem será recebida ainda com indifferença qualquer minuciosidade sobre o caso.

A imprensa monarchica occultou cuidadosamente a causa primordial da morte do padre Lima. Não sei se fez bem, ou se fez mal; o que me parece é que seria melhor, visto querer esconder a causa de tamanho infortunio, limitar-se a fazer o elogio do finado sem adular os factos dizendo que estava doído por causa do uso excessivo das aguas de Vichy! Se morreu doído, doído estava já quando principiou a tomar as aguas referidas.

Eu prefiro, como sempre, pôr os pontos nos *ii*, porque me parece mesmo ridiculo que a nossa imprensa de soalheiro descubra todos os promenores da morte de suicidas obscuros, com prejuizo ás vezes para a sua honra, e deixe no escuro os de homens elevados que lançaram mão de tão triste expediente por motivos de grave responsabilidade. E note-se que não sou a primeiro a proceder assim. Já um periodico republicano fallou claro, com uma isenção que toda a gente louvou e o mesmo faz hoje outro pe-

riodico que passa por independente. O *Figaro*. Precisemos, pois, o caso.

O doutor Pires de Lima parece que era dado um pouco a aventuras galantes. Ha muito tempo enamorou-se doidamente d'uma esbelta rapariga e travou com ella intimas relações. A harmonia entre os dois prolongou-se largamente e o padre, que não deixára de ser homem, vivia feliz com o recato a que a Igreja obriga os seus ministros por estupidamente lhe não consentir a vida franca e aberta da familia. Os seus amigos intimos conheciam os promores da doce existencia dos dois amantes. Mas entre elles havia um padre, um prior d'uma das freguezias de Lisboa, que atraçou o amigo intimo tomando certas libertades criminosas com a voluvel rapariga. Quando Pires de Lima o soube, cahiu como que fulminado por um raio. A infamia do tursorado, do ministro de Deus levou-o ao ultimo grau de irritabilidade. Quasi louco, abandonou a mulher e pediu a algem que lhe tomasse conta d'um filho, ou não sei se mais do que um. Metteram-se no negocio alguns amigos de Pires de Lima. A mulher entrou n'um convento, porque os conventos estão hoje convertidos em casas de prostitutas, o filho tomou um destino qualquer, mas debalde se tentou socegar o infeliz padre. A irritação foi augmentando, o desvaivamento veio e o infeliz começou a pensar no suicidio. Os jornaes monarchicos disseram que o atormentava a mania da perseguição por parte dos seus amigos. Talvez, porque a traição do prior, do amigo, é que fôra o movel do desarranjo d'aquelle espirito illustrado. Tambem esses jornaes avançaram que o suicidio de Philippe Simões é que o arrastou ao expediente deploravel de acabar com a existencia. Não digo que isso não influísse, mas é certo que elle já havia pensado muitas vezes em se suicidar, como o proprio *Correio da Noite* confessou. Em resumo, a infamia da mulher e do prior é que deram logar ao triste acontecimento, e eis a historia em poucas palavras.

Eu sabia da infelicidade de Pires de Lima e conhecia-lhe algumas das particularidades. Por isso quando tive conhecimento do suicidio, e fui dos primeiros a tel-o porque estava perto do local do desastre, tomei-o repentinamente como o final do ultimo acto do drama desgraçado. Mais tarde vi que todo o mundo confirmava as minhas suspeitas, porque era voz geral na cidade, á noute, que Pires de Lima se suicidára por o padre F. lhe ter seduzido a amante. Agora o publico que commente.

Os leitores que vejam o que são esses sofistas miseraveis, esses cynicos sem crenças, sem pudor e sem dignidade. Os paes de familia que continuam a deixar ajoelhar as mulheres e as filhas aos pés d'esses crapulosos cheios de vícios. Ide, virgens bellas, ide, mulheres honestas, confessar os vossos segredos, abrir o vosso coração a esses seductores sem alma, que nem os amigos respeitam. Anda Zé, anda idiota, continúa a dar-lhe os teus applausos, o teu dinheiro, o teu voto e a tua honra. Anda, besta de carga, continúa a gritar:

Viva a santa religião!

que nós responderemos:

Viva a santa religião e viva a pandega.

—O padre Pires de Lima foi enterado catholicamente e acompanhado até á cova por muitos ministros de Deus.

Eu gostei do supplemento do *Povo de Aveiro*. Bem apanhados os carolas d'essa terra, sim senhores.

—O governo approvou hontem o projecto do edificio para correios, telegraphos e pharoes.

Será construido no local do antigo mercado da Ribeira Nova, ao Atêrro.

—Lê-se n'um jornal:

«Houve ante-hontem, ás 7 horas da manhã, um conflicto grave na Povoia de Santa Iria, entre nove carregadores de sal das marinhas da sr.^a viscondessa dos Olivares e tres guardas da fiscalisação externa das alfandegas, em consequencia dos referidos empregados fiscaes terem intimado aquelles para pagarem os direitos do sal que levavam em cavalgadas.

Do conflicto resultou ficarem gravemente feridos tres dos guardas, dois dos quaes vieram para Lisboa e deram

hontem entrada no hospital da Estrela.

Os carregadores fugiram, deixando no local uma cavalgada e vinte e quatro sacos com sal.

O chefe da divizão, o sr. José de Andrade Corvo, logo que teve conhecimento do conflicto, marchou para a Povoia acompanhado de uma força de oito guardas e ahi mandou proceder ao auto do corpo de delicto e auto de resistencia.

Os carregadores são conhecidos. —A policia acaba de prender uma quadrilha de cavalheiros d'industria. São em numero de cinco.

—Não se realizou no domingo passado o sarau no Cub Razão e Justiça, em favor do monumento a José Estevão, por ter chovido em torrentes todo o dia e toda a noute. Addiu-se para 2 de março. A sub-commissão que angaria em Lisboa donativos para a estatua continua activamente os seus trabalhos.

Y.

Em consequencia de ter quebrado na typographia, o galeão onde se achava a correspondencia do Porto, que devia publicar-se no n.º passado, não a publicámos então; dando hoje as noticias mais importantes que ella continha.

Porto, 7 de fevereiro de 1884.

Debutou no dia 2 do corrente, no theatro Baquet, do Porto, a companhia dramatica italiana do insigne tragico e maravilhoso artista Ernesto Rossi, com o drama de Giacometti *A morte civil*, em 5 actos.

Fui ver, no dia 3, em que o drama se repetiu, em recita de assignatura, perante uma concurrencia bastante regular que applaudiu freneticamente, com enthusiasmo delirante, o poderoso artista director da companhia, o admiravel traductor de Shakespeare, o insigne photographo da alma humana, Ernesto Rossi, honra e gloria da formosa patria de Cavour.

E' simplesmente soberbo de correção e verdade todo o trabalho do distincto actor; trabalho que contem boquiabertas as plateias; trabalho que arranca, por vezes, tempestades de hurrahs e palmas; trabalho sublime que vale ao portentoso actor repetidas chamadas nos finaes de todos os actos.

Os hespanhoes dizem:

Quien no ha visto a Sevilla no ha visto la maravilla.

mas eu digo que quem não viu representar Rossi, não pode saber o que é a arte dramatica, arte que tem no illustre tragico a sua mais elevada concepção.

Não receio ser accusado de ludibriador, se recommendar, ou instar mesmo com os leitores, que venham ver a companhia italiana que funciona no Baquet. Vale a pena vir ao Porto para assistir a uma recita.

—Os *Opprimidos da Irlanda*, drama de que vos falei na passada carta não teve reprise por não ter conseguido agradar em premiere, no beneficio do actor Verdial.

—No theatro Popular, do Palacio de Crystal, subiu finalmente á scena na tarde de 2 do corrente, a espectacular peça em 3 actos e 12 quadros *A' vol d'oiseau*, revista do anno de 1883, original de Sousa Rocha.

Foi muitissimo applaudida, bisados alguns numeros de musica e muito victoriado o auctor, que se estrejou por forma tão promettedora.

No decorrer do espectáculo deram-se diversas manifestações republicanas que relato em seguida. O final do 1.º acto é uma apothose a Luiz Quillinan, apothose que é realisada na presença de todos os jornaes do Porto, representados por figuras allegoricas que empunham estandartes onde se lê os titulos dos periodicos que formam a imprensa portuense, e que entram em scena dois a dois.

Quando appareceu em scena um jesuita empunhando o estandarte da «Palavra», o orgão dos ultramontanos d'esta cidade, rebentou uma furiosa pateada que serenou quando appareceu a «Folha Nova» que foi saudada com palmas e bravos e igualmente a «Discussão».

O final do segundo acto é uma apo-

those a D. Pedro IV, por accasão do dia 9 de julho, apparecendo a figura do rei-soldado na posição de dar a carta e tendo, em volta, os veteranos a mendigar.

O publico pateou esta parte da revista e bem assim o hynno da Carta que a orchestra desempenhava a *proprio*.

O final do terceiro acto, allude á independencia de Portugal e foi muito applaudido.

—Deu-se aqui um escandalo altamente revoltante que indignou toda a cidade.

Sabbado passado seriam 9 horas da manhã, partiam gritos de seccorro do interior do armazem de Joaquim Lopes da Silva, situado na esquina da travessa do Carregal e da praça do Duque de Beja. Acudiu gente, muita gente, veio depois o sr. dr. Amancio Pinheiro, commissario da 2.ª divisão policial, que mandou arrombar a porta e proceder a uma busca. Entretanto chegava tambem uma força de cavallaria municipal.

No andar superior foi encontrado o dono do estabelecimento e Placida Garcia, de 24 annos, natural de Cadix, (Hespanha) que declarou ser ella quem tinha gritado por soccorro em consequencia de Lopes da Silva, a ter violentado a satisfazer os seus appetites sensuaes, na occasião em que ella fora ao armazem no desempenho do seu mister, de creada de servir.

Lopes da Silva, vantajosamente conhecido nos annos da infancia e da patifaria, por milhares de proesas identicas, tem sido sempre absolvido, graças aos empenhos e dinheiro que se tem empregado para lhe darem liberdade.

Livre d'uma infamia ainda não ha muito, eil-o já a praticar outra, contando, com a impunidade que lhe tem dado a elasticidade de consciencias dos juizes que o tem julgado.

Parece porem que deu com a sua gente d'esta vez, e honra seja ao Dr. Amancio Pinheiro, 2.º commissario de policia, pelas acertadas providencias que poz em pratica, para impedir subornos que alguém tentou já para com Placida Garcia a victima!

O infame foi já a dois interrogatorios ao tribunal, sendo conduzido de novo á cadeia da Relação.

Tem estado, e continua, incommunicavel.

Nos dois interrogatorios a que já se procedeu, não foi admittida fiança ao patife que tem vindo ao tribunal sempre escoltado por uma força de cavallaria da guarda municipal para impedir a justiça do povo.

Na occasião da prisão, seguidamente ao crime, foi o reu em trem de praça para o commissariado e o povo apedrejava o carro, sendo necessario intervir força da municipal para serenar os animos.

A imprensa seria do Porto, partindo d'um falso principio de pudor, tem occultado este crime, parecendo dezejar para o miseravel que o praticou, a costumada impunidade.

O «Dez de Março», tem-se tornado notavel pela maneira elevada e digna como verbera a monstruosidade de Lopes da Silva, a dos juizes que o tem absolvido, a dos advogados que tem descido a defendel-o e a da imprensa que calla o crime porque o criminoso não pertence á plebe.

Os nossos parabens, ao valente jornal da tarde pela sua nobre isenção e actitude.

Justus.

Porto —15— Fevereiro 1884.

Causou profunda e dolorosa impressão na cidade, como decerto em todo o paiz, o desgraçado fim do distincto parlamentar Dr. Pires de Lima, noticia que o *Povo d'Aveiro* communicou aos seus assignantes em supplemento no qual se liam phrases justicieras e bem cabidas.

O Dr. Pires de Lima, apesar de filiado n'um partido monarchico que o povo já experimentou nas cadeiras do poder, vendo bem claramente que *tão bons são uns como os outros* era um padre muito illustrado e um polemista vigoroso, tendo o grande merito de ser um constante azorrague dos regeneradores, a sua palavra fluente e auctorisada.

Era um homem de talento e é por

isso tanto mais para lastimar a fatal enfermidade que lhe indicou para pôr termo á vida a arma covarde dos suicidas.

Em menos de 13 dias, duas illustrações do paiz, dois homens de bons costumes, dois luminares da sciencia, conterraneos e condiscipulos, baixam ao tumulo deixando a sua memoria manchada com um crime lastimavel!

Oxalá que o triste exemplo não fructifique e que todos os que se sentem desgostosos com a sua vida, se lembrem de que perante o bom senso e a boa razão, é mais criminoso quem se mata a si proprio, de que quem mata outra pessoa.

A nossa existencia está regulada por leis inevitaveis; há viver e ha morrer, o nosso dever é supportar o fardo, pezado ou leve,— como quer que elle seja,— que ao nascer tomámos sobre os hombros e não o alijar voluntariamente por que isso é uma covardia, uma monstruosidade.

—Tem estado no Porto, o valente caudillo da republica, o illustrado e independente jornalista popular, Dr. Magalhães Lima, muito digno redactor do nosso presado collega do *Seculo*, de Lisboa.

Cumprimentamos o brioso defensor dos direitos do povo, pela sua visita a esta cidade.

—O Sr. Dr. Henrique Pinto, juiz do 2.º districto criminal do Porto, mandou pronunciar sem fiança o ignobil Lopes da Silva, o violador de Placida Garcia, esse repellente miseravel, de cujo crime me occupei na carta que devia publicar-se no n.º anterior do *Povo d'Aveiro*.

O patife contava sahir da cadeia com fiança, findos os oito dias de prisão, mas o digno juiz não consentiu que tal intento se realisasse, como *muita gente* pretendia.

Bem haja o digno magistrado.

O «Dez de Março», continua verberando com energia e justiça o monstruoso attentado do biltre que ha tanto tempo vem deshonrando esta terra com as suas porcas gentilezas e licenciosas tratatadas.

Africa, Africa, com o maroto.

—A companhia de Ernesto Rossi, o grande artista italiano, continua agradando extraordinariamente no Baquet. Cada peça nova, um novo successo. *Luiz XI; Hamlet; Kean; Força da consciencia*, etc, são outros tantos triumphos para o illustre tragico.

N'um dos dias da proxima semana realisa-se a festa do grande artista, estando já tomada a plateia.

E por hoje nada mais, vos conta, o que é e foi sempre muito vosso.

Justus.

NOTICIARIO

Visitou na segunda feira o Centro Republicano Aveirense o seu dignissimo presidente da assembleia geral, e nosso estimado amigo e patricio, dr. Sebastião de Magalhães Lima.

S. ex.^a, n'uma quasi conversa intima com toda a assembleia, frisou os erros e inconvenientes do actual sistema, mostrando a necessidade urgente da cooperação de todos os republicanos para transformar radicalmente o nosso viver politico. Ponderou a miseria com que luta a classe operaria, cujos interesses o governo descure, sobrecarregando-a ainda de contribuições, sem que ao menos á iniciativa official anime a industria, que se vae atrophiando.

Foi breve, mas substancioso o discurso que S. ex.^a pronunciou no meio de um auditorio bastante numeroso, composto não só dos socios do Centro como de pessoas extranhas a elle.

S. ex.^a partiu na terça feira em digressão para o Douro, d'onde regressou directamente a Lisboa.

Por uma falta involuntaria não agradecemos no passado numero do nosso jornal ao respeitabilissimo collega do *Conimbricense* a forma sobremaneira honrosa para nós, com que se referiu ao terceiro anno da apparição do *Povo d'Aveiro*.

Retribuindo hoje áquelle incangavel lutador as suas benevolas expressões, cremos ter cumpriido um dever de leal e delicada camaradagem.

Na noute de 11 do corrente pelas 10 horas da noute aproximadamente foi assaltado, arrombado e roubado um armazem do sr. Manoel Homein de Carvalho Christo, sítio no largo do Rocio, por uma quadrilha de bandidos que se dizem agentes do fisco municipal. O caso passou-se da seguinte maneira.

Constou ao chefe da quadrilha que no dito armazem estava sonogado um pipó com aguardente. Procurou este o sr. Christo na segunda-feira, provavelmente para lhe pedir que o deixasse vizitar o dito armazem; como porem o não encontrasse e não estivesse para mais formalidades, na noute d'esse dia acompanhado da sua troupe arrombou o armazem e levou a bebida que encontrou sem mais satisfações nem considerações. Aconselhamos a todos os individuos que em sua caza tiverem vinho ou aguardente que traquem de se acautelar, porque não estão livres d'uma tal surpresa; e de se disporem para receber condignamente tão extraordinaria visita, pois constanos não ser a primeira que fazem.

Pedimos á camara municipal que haja do do estado *desolador* em que se encontra o Passeio Publico. No domingo observámos que alguns forasteiros que alli passeavam se riam da miseranda condição em que se acha a maior parte dos bancos. Isto é vergonhoso, e não inculca se não um desleixo indesculpavel da parte de quem devia primar pelo menos em ter o jardim no melhor estado de conservação, visto que é um dos logares mais concorridos pelos visitantes de fóra.

Com franqueza, nós tambem achamos um certo *espirito* áquelle museu anatomico de nova especie: uns bancos de pernas para o ar, outros com trez pernas, alguns sem encosto, ainda outros sem fundo, emfim um verdadeiro deposito de sucupa.

Veremos o que são do bestunto da sapientissima municipalidade.

Vão celebrar-se na Figueira da Foz dois casamentos civis. O administrador do concelho mandou ja affixar editaes convidando as pessoas que souberem de quaesquer impedimentos a declaral-os perante a respectiva administração do concelho.

Em Vouzella um sujeito assassinou a golpes de navalha o seu proprio cunhado, commettendo tão horripilante crime, com o maior sangue frio.

O heroe foi já prezo.

Os leitores devem saber que o patriarcha de Lisboa ameagou ha tempo o governo portuense de não assistir á procissão de *Corpus Christi*, se não fossem nomeados mais 18 conegos! E que tal?... E vae agora aquelle reverendo, que entrou para o patriarchado com pés de lã, ordena que não haja officios na Sé em quanto não lhe fosse satisfeita a sua pretensão!!..

Sempre queremos ver se o ministro da justiça dobra a cerviz ao seu subordinado, ou se tem a independencia necessario para conter a arrogancia do patriarcha lisbonense.

O cabido da Sé imperial do Brazil tambem ha mezes pretendeu que fosse creado um lugar de folleiro... E sabem a resposta que lhe deu o ministro? «Que os conegos tocassem aos folles, alternadamente.»

Que infames!...

No Funchal, os membros da tal associação catholica, com o fim de provocar os odios contra os republicanos d'aquella cidade, mandaram distribuir uma proclamação, assignada pela —Junta da Salvação publica—, na qual se atacava a religião, dizendo-se: Abaixo as igrejas, morram os padres, etc., e aconselhando ao povo o uso do petroleo.

Vejam de que seraphicos animos estão possuidos aquelles catholicos!... Estão no seu meio os pantagruelicos apóstolos...

Contra a debilidade

Recommenhamos o Vinho Nutritivo de Carne, e a Farinha Peitoral Ferruginosa da Pharmacia Franco, por se acharem legalmente auctorisados.

A importante villa de Ovar está tão esquecida por a sua camara municipal, que até o nosso estimavel collega O Ovarense...

O povo d'Ovar que aprenda n'esta grande lição de desleixo municipal e que no futuro não dê o seu voto ou o seu apoio aos traidores monarchicos...

Nem só em Portugal ha quem embirre com as touradas. Em Hespanha tambem ha inimigos d'este barbaro divertimento...

Em toda a corrida de toiros, apparecem 3 feras: O touro o toureiro e o publico.

Os graus de fereza d'estes de cada um d'estes animaes devem calcular-se pelos seguintes dados:

O touro vae obrigado. O toureiro vae comprado. O publico vae espontaneamente, e ainda dá dinheiro!

Ha ainda uma outra gradação, que deve tambem ser observada: O touro sendo provocado, trata de se defender.

O toureiro comprometido pela sua obrigação, trata de lhe excitar a bravura. O publico tracta de se divertir!

No touro deve, notar-se ferocidade instinctiva. No toureiro, a coragem e a destreza.

No publico, unicamente a deshumanidade. Parece impossivel como um conjunto de seres racionais se transforma no maior monstro que pôde produzir a natureza...

Aos olhos do philosopho, n'uma corrida de toiros, não são elles os corridos, é a civilização. Concordamos plenamente no que deixa exarado o nosso collega hespanhol.

ATTENÇÃO

Cabelleireiro, Praça da Fructa.

PARTICIPA ao publico aveirense que não deixe, por falta de crepe, de passar um carnaval divertido.

COBRANÇA

A comissão promotora do monumento a José Estevam, faz publico que na proxima semana principiará a cobrança das quantias subscriptas para a estatua...

Aqueles dos srs. subscriptores que assim o quizerem, podem pagar em mais d'uma prestação. Aveiro, 4 de janeiro de 1884.

Contra a debilidade

Farinha Peitoral Ferruginosa da Pharmacia Franco, unica legalmente autorisada e privilegiada. É um tonico reconstituinte, e um precioso elemento reparador...

VINHO NUTRITIVO DE CARNE



Privilegiado, auctorisado pelo governo, e approvado pela junta consultiva de saude publica.

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite...

Toma-se tres vezes ao dia, no acto da comida, ou em caldo, quando o doente não se possa alimentar. Para as creanças ou pessoas muito debéis, uma colher das de sopa de cada vez...

Um calix d'este vinho representa um bom Bifiteck. Esta dose com quaesquer bolachinhas é um excellente lunch para as pessoas fracas ou convalescentes...

PALACIO DE CRYSTAL PORTUENSE

GRANDE E UNICA LOTERIA

FEITA PELA

Sociedade do Palacio de Crystal Portuense

NA CIDADE DO PORTO

Afim de desenvolver os intuitos da sua criação LEGALMENTE AUCTORISADA PELO GOVERNO DE PORTUGAL

40:000 BILHETES

O sorteio d'esta grande loteria, terá irrevogavelmente logar no dia 30 de março de 1884



Table with 2 columns: Prize description and Value. Includes 1 Grande premio de réis 50:000\$000, 1 Grande premio de réis 20:000\$000, etc.

1:340 PREMIOS NO VALOR DE

cento e sessenta contos

O sorteio realizar-se-ha na grande Nave Central do Palacio, sendo immediatamente publicada a lista dos premios e aberto o pagamento.

Bilhetes á venda no Palacio de Crystal do Porto

O director-gerente do Palacio de Crystal—Porto, satisfaz pelo correio, para toda a parte registo e porta franco, os pedidos acompanhados do seu importe em vales, notas de banco...

Contra a tosse

Xarope Peitoral de James, unico legalmente autorisado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro.

CREADAS

Precisam-se duas no Hotel Cysne do Vouga, uma para cosinha, outra para servir á mesa. Sendo habeis pagam-se ordenados muito superiores aos mais subidos...

EMPREZA

NOITES ROMANTICAS

OS CIGANOS DA REGENCIA

FOR XAVIER DE MONTÉPIN

Illustrada com lindas e magnificas gravuras de F. Pastor.

Cada caderneta de 5 folhas ou 4 e uma estampa, por semana custa 50 rs.

Brinde á sorte pela extração da 1.ª loteria portugueza que tiver logar em seguida á conclusão do quarto volume:

Uma inscrição de—100\$000

Correspondente em Aveiro, Caetano Joaquim d'Azevedo, R. Direita.



12 RETRATOS

Esmaltados—mignonettes—600 REIS.

RUA DO JOSE ESTEVÃO, 47

Aveiro

Leccionista

ALEXANDRE DAS DORES CASIMIRO, lecciona em casas particulares, mathematica, portuguez e francez, e abre um curso nocturno de mathematica 2.ª e 3.ª parte.

Tractar na rua do Arco, Quinta da Apresentação, AVEIRO.

ONDEANTES

(Primeiros versos)

FOR

Alberto Bessa

A' venda em formosa edição bijou.

PREÇO 240 REIS

!! ALTO AQUI !!

O proprietario do HOTEL CYSNE DO VOUGA, fornece apreciavel VINHO DA MADEIRA por preço convidativo.

Esta especialidade de VINHO, só se vende no

HOTEL CYSNE DO VOUGA Praça da Fructa

Photographia

DE

JOSÉ BERNARDES DA CRUZ

28, RUA DIREITA, 28

Retratos—PETIT-PROMENADE—a 600 reis a duzia.

OFFICINA

DE

Serralheria

DE

JOÃO AUGUSTO DE SOUSA

Largo da Apresentação, 4 a 6

EM

AVEIRO

ESTA officina fazem-se portões, grades, lavatorios, fogões, e camas de preço de réis 8\$000 a 1\$400.

Empreza

INDUSTRIAL PORTUGUEZA

CONTRUÇÕES NAVAES COMPLETAS Fundição de cannos, columnas e vigas por preços limitadissimos

CONSTRUÇÃO DE COFRES

PROVA DE FOGO

Construção de Caldeiras

A EMPREZA industrial portugueza, actual proprietaria da officina de construcções metallicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores como nas provincias, ultramar, ilhas ou no estrangeiro...

Accetta portanto encomendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes. taes como telhados, vigamentos, culpas, escadas, varandas, machinas a vapor e suas caldeiras, depositos para agua, bombas, veios e rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construção de cofres á prova de fogo, etc.

Para a fundição de columnas, cannos e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em deposito grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilitar a entrega das pequenas encomendas de fundição tem a EMPREZA um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 20, ao aterro, onde se encontram amostras e padrões de grandes ornatos e em geral o necessario para as construcções civis, e onde se tomam quaesquer encomendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA Santo Amaro.—LISBOA.

LIVRARIA MODERNA

CASA EDITORA

DE

ALCINO ARANHA & C.ª

52—Rua do Bomjardim—52

PORTO

Muita Attenção!!!

Estabelecimento de mercearia, confeitaria, salchicharia e corservaria,

premiado nas exposições de Philadelphia, Paris e Rio de Janeiro, com medalhas de prata e menções honrosas

AVEIRO—35 A 39, PRAÇA DO COMMERCIO, 35 A 39—AVEIRO

JOSÉ DOS SANTOS GAMELLAS & FILHO chamam a attenção dos seus freguezes e do publico em geral, para o extraordinario sortimento de diferentes artigos, que acabam de receber directamente das principaes casas de Londres, Allemanha, Suissa, Paris, Bordeus e Lisboa...

QUEIJOES, Roquefort, Londrino, Gruyer, Prato, Papel e Flamengo. Conservas Inglesas, Francezas e Nacionaes, em frascos. Leite condensado, dos Alpes. Manteiga Inglesa e Normanda em latas e barris. Passas de Malaga. Gelatina branca e vermelha. Biscoitos Ingleses, Francezes e Nacionaes. Pastilhas de Hortelã Pimenta. Farinhas de Maizena, Seruy, Tapioca, Covadinha, Ervilha, Fava, Batata, Sagú e Perles do Nizam. Alcaparras em frascos. Mostarda em pó e preparada. Julienne em pacotes. Champignões e Trutas em latas. Lagosta Inglesa e Salmão em latas. Presuntos Ingleses, Allemães, de Lamego e Melgaço. Figos Ingleses em caixinhas. Doce de Goyaba do Brazil, em latas. Cocos muito frescos. Fructas de Papeis de todas as qualidades e objectos para escriptorio. Surpresas e brinquedos para creanças. E muitissimos outros artigos, que seria impossivel ennumerar.

José dos Santos Gamellas & Filho

N. B.—Enfeitam-se taboleiros pelos systemas das confeitarias de Paris e Lisboa.